

A Arquitetura do Texto: o Parágrafo

Chega uma hora nas trocas entre professor e aluno em que cada um adota um ponto de vista. O meu é: “Como vocês não entenderam o sentido? O deles é: “Não entendemos. E a gente acha que você está inventando”. Estamos com um problema de comunicação. Basicamente, todos lemos a mesma história, mas não usamos o mesmo aparato analítico. Se você já passou algum tempo numa aula de literatura como aluno ou professor, conhece esse momento. Às vezes, pode parecer que o professor está forjando interpretações etéreas, ou mesmo que está fazendo mágicas de salão, uma espécie de prestidigitação analítica.

De fato, nenhuma das alternativas é o caso; em vez disso, o professor, assim como o leitor que tem um pouco mais de experiência, adquiriu ao longo dos anos o uso de certa “linguagem de leitura”, algo que começa apenas a se apresentar aos estudantes. O que estou falando é de uma gramática da literatura, um conjunto de convenções e padrões, códigos e regras que aprendemos a utilizar ao lidar com uma amostra de texto. Toda linguagem tem uma gramática, um conjunto de regras que governam usos e sentidos [...].

FOSTER, Thomas C. *Para ler literatura como um professor*. São Paulo: Lua de papel, 2010. p. 13.

A leitura se dá com base no conhecimento das condições de produção do texto, que podem ser observadas, dentre outras maneiras, a partir da perigrafia. O texto em destaque avança nessa discussão. Embora as ideias de Thomas C. Foster façam mais referência ao texto literário, o que ele afirma vale para a leitura de qualquer gênero.

Toda leitura é feita mediante o acionamento de uma “gramática” daquela composição textual – um conjunto de regras que governam os usos e sentidos ali produzidos.

Essa “gramática” atua de acordo com o interesse do leitor, sua capacidade de observar, de encontrar aspectos peculiares no material que tem em mãos, com o objetivo, principalmente, de inquiri-los, fazendo-lhes perguntas e buscando respostas.

O parágrafo

Nos textos em prosa, por exemplo, um dos elementos da “gramática” que os compõe é a “arquitetura” em parágrafos associados entre si, tendo cada um deles sua própria estrutura interna.

A percepção da presença de parágrafos pressupõe que se tenha conhecimento dessa unidade composicional. A frequência a textos, ao longo da vida, promove no leitor a identificação de várias estratégias de composição. Sendo assim, o simples contato com produções em prosa comparativamente a outras formas faz com que esse conhecimento passe a fazer parte do domínio do leitor. Trata-se do acionamento das habilidades de observar e de comparar. Por exemplo, observando este módulo de estudos e o poema “Futebol” a seguir, e comparando-os, fica evidente a forma de um, em parágrafos, e a de outro, em versos.

Futebol

Futebol se joga no estádio?

Futebol se joga na praia,

futebol se joga na rua,

futebol se joga na alma.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia errante*.

Para uma leitura proficiente, é importante refletir sobre essas disposições, em versos ou em parágrafos.

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia *central*, ou *nuclear*, a que se agregam outras, *secundárias*, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 219.

Essa definição não atende a todos os textos, porque a estruturação de um parágrafo depende de outros fatores, como gênero e intencionalidade. Por isso, há o parágrafo-padrão para textos dissertativo-argumentativos, aquele que apresenta estrutura recorrente em textos dessa natureza e que pode ser seguido como parâmetro de escrita.

De qualquer modo, o parágrafo é, graficamente, indicado por um afastamento da primeira linha da margem esquerda da folha, ou de linhas entre um “bloco” de texto e outro. Ele é composto por ideias coerentes e coesas e se associa a outros, em um raciocínio progressivo. Deve apresentar, então, uma unidade

ampla para conter um processo completo de raciocínio e suficientemente curta para nos permitir a análise dos componentes desse processo, na medida em que contribuem para a tarefa da comunicação (TRAINOR; MCLAUGHLIN, 1963 apud GARCIA, 2010.)

Um parágrafo pode ter curta, média ou longa extensão, correspondendo a um conjunto de ideias, sendo uma delas a central e as outras secundárias, todas associadas. Há elementos nas frases que indicam essa organização.

Veja um exemplo:

[1] Engenhos coloniais eram comandados por homens, seus proprietários, conhecidos como senhores de engenho. [2] Os séculos XVI e XVII, com predominância deste último, foram tempo em que **tais personagens** mandavam e desmandavam, retendo, em suas mãos, o poder decisório que jorrava da força econômica. [3] É inegável que, **nesse cenário**, as mulheres tinham pouca oportunidade para protagonismo: viviam, como regra, trancafiadas em casa, saíam às ruas cobertas por mantilha e apenas para poucas atividades (como ir às igrejas, por exemplo), isso quando não eram mandadas pelos pais para algum convento ou retiro. [4] **Distinções sociais** também significavam distinções no modo de vida das mulheres, embora nunca significassem ampla liberdade e igualdade de direitos em relação aos homens.

[...]

IANSEN, Marta. Disponível em: <<https://martaiansen.blogspot.com/search?q=Engenhos+coloniais+eram+comandados+por+homens%2C+seus+propriet%C3%A1rios>>. Acesso em: 10 set. 2019. [Fragmento]

A organização do parágrafo de Marta Iansen se faz pela sequência de ideias e pela inscrição de determinadas expressões que garantem essa sequência.

Por exemplo, a segunda frase complementa o conteúdo da primeira, ampliando a ideia “eram comandados”, pois explicita como se dava esse comando – mandavam, desmandavam, retinham o poder decisório que jorrava da força econômica. Além de a informação inicial ser complementada, há uma expressão que retoma o agente do comando – tais personagens. A terceira frase dá um novo rumo às ideias, acrescentando-lhes um figurante, as mulheres, que, diferentemente, não tinham voz de comando, embora postas na mesma circunstância histórica que os homens mandatários, o que se comprova pela presença da expressão “nesse cenário”. A quarta frase fecha o parágrafo, trazendo uma reflexão que acrescenta informações e ao mesmo tempo abarca o que foi dito nas três frases primeiras.

Há, então, uma sequência lógica entre os períodos que compõem esse parágrafo, tanto em relação ao seu conteúdo quanto à forma, que faz as associações, a partir da primeira frase, a ideia-núcleo, denominada **tópico frasal**.

Todo método requer o uso da divisão, um dos principais instrumentos do conhecimento humano: a pessoa apreende, conhece ou assimila o todo através das partes que o compõem, as quais se acham divididas segundo certos critérios lógicos. [...] No aprendizado de qualquer assunto e disciplina, científicos ou não, ocorre a mesma identificação, porém de modo mais complexo. Na escrita, os parágrafos são as principais partes de determinado texto (artigo, capítulo, entrevista, ensaio, etc.). Para assimilar o texto, o leitor precisa entender as partes, isto é, os parágrafos. [...]

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A redação pelo parágrafo*. Brasília: UNB, 1999. p. 12.

A COMPOSIÇÃO INTERNA DO PARÁGRAFO: A IDEIA CENTRAL E AS IDEIAS SECUNDÁRIAS



A leitura é um ato que pressupõe a operação de muitas habilidades. Entre elas, a de observar, comparar, associar e identificar. Os estudos sobre parágrafo exigem esses movimentos mentais para que se perceba a importância de haver uma ideia central, o tópico frasal, e outra(s), secundária(s), além da relação entre elas, como se desenvolvem e possibilitam a progressão do texto.

A **ideia principal** é aquela que orienta o restante do parágrafo. Ela promove o desejo de se saber mais, cria expectativas sobre o tema, de maneira a tornar o texto dinâmico. Por isso, em torno dela giram **as ideias secundárias**, que contribuem para sua consistência. Observe o parágrafo a seguir:

[1] A rebelião no Centro de Recuperação Regional de Altamira, no Pará, durou menos de cinco horas. [2] Foi o suficiente para uma briga entre facções rivais e um incêndio criminoso deixarem o tenebroso saldo de 57 mortes, 41 por asfixia e 16 por decapitação. [3] O confronto começou na manhã da segunda-feira 29, logo após as celas serem destrancadas para o café. [4] Em disputa com o Comando Vermelho pelo controle de rotas do tráfico de drogas na Região Amazônica, o Comando Classe A atacou o pavilhão dos oponentes. [5] Trata-se do maior morticínio em um mesmo presídio desde o massacre do Carandiru, em 1992, quando 111 detentos foram assassinados durante a violenta incursão da PM de São Paulo para retomar o controle do complexo. [6] Há dois anos, Manaus também protagonizou motins que resultaram em 67 mortes em uma semana, mas nem todos cumpriam pena na mesma unidade prisional.

MARTINS, Rodrigo; OLIVEIRA, Thais Reis. Massacre em presídio de Altamira é o maior desde o Carandiru, em 1992. *Carta Capital*, n. 1 066, p. 32.

O parágrafo anterior compõe-se de seis frases. A primeira informa o confronto dentro de uma prisão e seu tempo de duração. A segunda detalha a violência do fato. A terceira relata o momento em que ocorre o atrito. A quarta enuncia os agentes da disputa. A quinta denuncia o recorrente grau de violência no sistema carcerário brasileiro. A sexta confirma o rotineiro estado de violência nas prisões brasileiras.

Essa composição expõe como ideia central a quinta frase – a acusação do repetido cenário de barbárie no sistema carcerário do país. Verifica-se essa centralização porque as primeiras encarregam-se de descrever o que o conteúdo da quinta denuncia: conflito com duração de cinco horas + saldo de 57 mortos de forma horrenda + o início do evento pela manhã, ou seja, algo já preparado + a causa do confronto, uma disputa entre facções = cenário bestial de violência.

Assim, as quatro frases iniciais vão traçando a denúncia na quinta frase, um evento de explícita barbárie, carregado de antecedentes, como o mais violento motim já visto no Brasil, em 1992, no Carandiru. A frase final ratifica a ideia central, exemplificando, com um evento mais recente e igualmente violento, o que ocorreu em Manaus, há apenas dois anos.

Essa estrutura comprova que a frase cinco contém a ideia central, ela é o tópico frasal. As outras giram em torno dela, são secundárias. Atente para a importância de todas, pois as secundárias complementam a principal, dando consistência a ela.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** Organize as frases independentes a seguir formando parágrafos coerentes.

Parágrafo I

- () Na passagem, cada motorista recebeu pouco mais de US\$ 25 doados pela Cruz Vermelha para pagar o combustível até a Alemanha Ocidental.
- () Milhares de alemães do Leste com vistos de turismo cruzaram a fronteira entre Hungria e Áustria.
- () Há 30 anos, entre a noite de 10 de setembro de 1989 e a manhã seguinte, o êxodo começou.
- () A história inteira, relida hoje, é um conto sobre a indignidade e o declínio de valores.
- () Ali, começou a ruir o Muro de Berlim, que desabaria dois meses depois, no 9 de novembro.

MAGNOLI, Demétrio. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/30-anos-amanha-23932963>>. Acesso em: 25 nov. 2019. [Fragmento]

Parágrafo II

- () Se antes era algo difícil de identificar, hoje estão bem comuns os vaporizadores, também chamados de cigarros eletrônicos ou *vapers*.

- () Ondas intensas de vapor e um cheiro adocicado no ar.

- () Certamente, quem tem frequentado bares e festas nos últimos meses já percebeu essa realidade cada vez mais presente.

GADELHA, Mylena. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/adeptos-dos-cigarros-eletronicos-ainda-desconhecem-os-riscos-a-saude-1.2146440>>. Acesso em: 06 dez. 2019. [Fragmento]

- 02.** Nos parágrafos a seguir, grife de uma cor a ideia central de cada um e, de outra cor, as ideias secundárias. Transcreva cada uma delas e justifique como se associam.

Texto I

[...]

Sempre que duas coisas acontecem ao mesmo tempo, as pessoas observam essas tendências e acham que elas estão conectadas. Não creio que a história seja essa. A classe média na Ásia está indo muito bem porque a economia cresce.

A classe média nas economias avançadas não vão bem porque a desigualdade está aumentando rapidamente e também devido à natureza do crescimento, que vem muito mais das empresas de tecnologia, que tem um número reduzido de funcionários.

São dois padrões de crescimento simultâneos. Mas as pessoas querem tentar conectar os dois e, como sempre, em qualquer país, diante dos problemas econômicos, a coisa mais fácil para um político é colocar a culpa em alguém.

[...]

CANZIAN, Fernando. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/politicos-usam-caricaturas-da-globalizacao-para-ludibriar-eleitores-diz-ex-chefe-do-banco-mundial.shtml>>. Acesso em: 25 nov. 2019. [Fragmento]

Texto II

As imagens chocaram o país: o jovem negro, de 17 anos, nu e amordaçado, sendo chicoteado por dois homens com fios elétricos trançados, por ter roubado uma barra de chocolate. O fato aconteceu há algumas semanas, nos fundos de um supermercado em Vila Joaniza, zona sul de São Paulo. Mas só agora as cenas vieram a público. Elas nos remetem a um Brasil que ainda não chegou a 1888.

[...]

CASTRO, Ruy. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/09/a-vida-vale-pouco.shtml>>. Acesso em: 06 dez. 2019. [Fragmento]

O PARÁGRAFO COMO PARTE DA COMPOSIÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL



Com relação ao texto como um todo, os parágrafos relacionam-se entre si. Eles se apresentam dinamicamente, de forma que um provoque a existência do outro e contribua para a progressão do texto.

Não há uma forma precisa para a composição de um parágrafo. Ela depende das condições de produção, da natureza do assunto, do tipo e do gênero textual, do estilo do autor.

Veja exemplos de parágrafos que compõem textos de tipologia narrativa, expositiva e argumentativa.

A tipologia narrativa: os parágrafos do gênero notícia

Juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido

Por Surenã Dias – 26 de agosto de 2019

1§ O time do Vasco pode contar com sérios problemas no tribunal, após sua torcida proferir frases homofóbicas no último jogo realizado neste domingo (25), contra o time do São Paulo.

2§ Durante o jogo, o árbitro Anderson Daronco precisou paralisar o jogo após ouvir gritos como “time viado”, vindos da torcida do Vasco. A partida só retornou após uma conversa com o técnico Vanderlei Luxemburgo e depois que o locutor do estádio solicitou que palavras de ódio não fossem proferidas pela torcida.

3§ Ao fim do jogo, que terminou com a vitória de 2 a 0 para o Vasco, Daronco relatou na súmula que ouviu os gritos homofóbicos. “Relato que aos 17 minutos do segundo tempo houve um canto vindo da arquibancada da torcida do Vasco em que dizia: ‘time de viado’. Aos 19 minutos do segundo tempo, a partida foi paralisada para informar ao delegado do jogo e aos capitães de ambas as equipes a necessidade de não acontecer novamente”, disse o juiz.

4§ A regra quanto a discurso de ódio nos estádios é relativamente nova. Nesta rodada os clubes, inclusive, podem perder até três pontos por estas atitudes. Segundo o Superior Tribunal de Justiça Desportiva, os casos se enquadram no artigo 243-G do Código Disciplinar.

5§ Esta não é a primeira vez que a torcida do Vasco se envolve com questões homofóbicas. Na última semana a torcida do Flamengo relatou que foi vítima de homofobia, após dois rapazes serem flagrados se beijando na arquibancada. [...]

DIAS, Surenã. Disponível em: <<https://observatoriogol.uol.com.br/noticias/2019/08/juiz-para-partida-apos-gritos-homofobicos-e-vasco-pode-ser-punido>>. Acesso em: 09 fev. 2019. [Fragmento]

Atente para as informações da referência, que também precisam fazer parte do mapa de informações do leitor, pois se trata de uma fonte de verificação. Esses dados, se presentes no arquivo cultural do leitor, fazem com ele reconheça o suporte do texto, a empresa brasileira UOL; a coluna, que é de notícias; o assunto, que é o mesmo do título, “juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido”; e a data, que é 2019/08; o que leva à dedução de que o texto apresenta tipo narrativo.

Com esse exercício de antecipação, o leitor parte em busca de saber sobre um fato. E passa ao corpo do texto, preparado para dialogar com suas ideias.

O texto é uma narrativa, portanto, relata um fato, para o que se faz necessária a presença de uma voz que narra o evento, este que se desenvolve por meio da ação de personagens, no tempo e no espaço. Em especial, o fato narrado foi registrado em jornal, com intenção de informar. Trata-se, desse modo, de uma notícia, a qual se compõe de cinco parágrafos.

O parágrafo 1, uma só frase, tem como matéria: a) a possibilidade de o time de futebol Vasco sofrer consequências b) de atos de homofobia c) por parte de sua torcida durante determinado jogo; um resumo do que será desenvolvido nos parágrafos que o seguem. O conjunto de informações abre caminho para outros parágrafos que apresentarão detalhes do fato. Por isso, é considerado o tópico frasal do texto, que provoca curiosidade, orienta as outras informações dos parágrafos seguintes e também é alvo delas. Sendo assim, a frase “governa” todo o texto.

O parágrafo 2, aberto por uma expressão temporal – Durante o jogo – e composto de duas frases, explicita dois detalhes: o fato que faria o time “contar com sérios problemas no tribunal” e as ações do juiz que desencadeariam os sérios problemas.

Essa dupla de frases relativas ao tempo decorrido “Durante o jogo” articula a sequência de fatos no decorrer do evento, conteúdo do parágrafo 3. Com três frases que transcrevem a súmula feita pelo juiz, esse bloco mantém o cerne do primeiro parágrafo enquanto detalha o desencadeamento do fato que faria o time “contar com sérios problemas no tribunal”. Pela transcrição da súmula, a jornalista ratifica todo o relatado, encerrando o conjunto de informações necessárias à matéria. Por isso, os parágrafos 4 e 5 seguintes tomam um rumo distinto da sequência narrativa.

O parágrafo 4 se compõe de três frases cujo teor é a ampliação do fato para o domínio jurídico, de forma que a cena relatada no 1º parágrafo fica posta como algo coerente com o mundo das leis, o que torna a notícia bem fundamentada. Veja que a palavra-núcleo desse parágrafo é “regra”, pois as expressões quanto a “discurso de ódio”; “podem perder até três pontos”; “no artigo 243-G do Código Disciplinar”; se relacionam a ela, explicando-a, detalhando-a.

Já as três frases do 5º parágrafo mantêm em evidência a denúncia contra o time, acrescentando um fato que reafirma a postura incriminadora da torcida.

Cada parágrafo dessa narrativa jornalística se constitui de um conjunto de ideias e contribui para a composição do corpo do texto: apresentam o fato, dão continuidade a ele com retomadas, acréscimos e ratificações.

A tipologia narrativa: os parágrafos do gênero crônica

O texto a seguir também pertence à tipologia narrativa. Porém, trata-se de uma crônica, gênero que, segundo o crítico literário Antonio Candido (1992), “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”¹. Foi isso que Gregório Duvivier fez em sua crônica.

Amizade platônica

1§ Fiquei melhor amigo do Antonio Prata sem que ele soubesse. Li o livro *Douglas e Outras Histórias*, presente do Fernando Caruso, amigo meu que já era melhor amigo do Prata sem que ele soubesse. Não parecia que eu tinha lido o livro, parecia que eu tinha sentado num bar com o Prata e ele tinha me contado o livro inteiro. E falando assim parece que foi chato, mas não foi. Foi muito legal. Tanto é que a gente ficou melhor amigo à primeira vista. Sem que ele soubesse, é claro.

2§ Tive algumas oportunidades de conhecê-lo, mas preferi não chegar às vias de fato, porque isso poderia abalar a nossa relação. Vai que ele tem 1,90 m. Eu não posso andar ao lado de um cara de 1,90 m. Vai parecer que eu tenho 1,30 m. Eu sou muito criterioso em relação à altura das pessoas com quem eu ando. Na amizade platônica, a pessoa tem a altura que você quiser. Você só tem os benefícios da amizade, sem aquela obrigação de ir no chá de panela ou liberar no “Candy Crush”.

3§ Caso vocês estejam se perguntando, ele não é o meu único amigo platônico. Tenho alguns, entre eles o Paul McCartney e o Fred do Fluminense. Mas o Prata era o mais íntimo, mesmo.

4§ Até que, outro dia, preparando-me pra lançar meu segundo livro, *Ligue os Pontos*, o pessoal da Companhia das Letras sugeriu que eu e o Prata lançássemos o livro juntos. E me mandaram o livro dele: *Nu, de Botas*. E descobri que a gente não era melhor amigo. A gente era a mesma pessoa. Li as memórias dele com a impressão estranhíssima de que eram as minhas memórias. E eu garanto que isso vai acontecer com você também. Por mais louca e específica que tenha sido a vida do Prata, por mais louca e específica que tenha sido a sua vida, quando o Prata fala da vida dele, parece que é a sua vida, parece que ele é você e sempre foi. Volta e meia tinha que fechar as páginas e lembrar da minha própria vida, pra não misturar com a vida dele.

5§ Cheguei ao Rio determinado a findar essa relação platônica. Em primeiro lugar, é muito narcisismo você ser melhor amigo de você mesmo. Em segundo lugar, a gente teria que se conhecer, pra lançar o livro juntos.

6§ Aí a gente se conheceu. E parecia que a gente já se conhecia há muito tempo. Porque a gente já se conhecia há muito tempo. E tem coisas que a amizade platônica não pode te dar. Ele tem 1,69 m, igualzinho a mim. Na verdade ele tem 1,68 m e mente que tem 1,69 m. Igualzinho a mim. Viva a amizade. A platônica e as outras.

DUVIVIER, Gregório. Amizade platônica. *Folha de S.Paulo*, 11 nov. 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2013/11/1369551-amizade-platonica.shtml>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

A perigrafia instiga o leitor a pensar que o texto se trata ou de um artigo de opinião ou de uma narrativa que trate do trivial – uma crônica, apostando mais no tom do humor, tendo em vista o autor ser um comediante.

O primeiro parágrafo, composto de sete frases, anuncia que o texto é uma narrativa, pois relata a formação de uma dupla de amigos para o lançamento de seus livros, ou seja, aponta para um enredo. A primeira frase, “Fiquei melhor amigo do Antonio Prata sem que ele soubesse”, evidencia a composição narrativa, pois relata um fato.

Diferentemente da notícia de jornal, o primeiro parágrafo dessa narrativa não traz um resumo do fato narrado, mas um relato, uma abertura sedutora para que o leitor permaneça com os olhos presos ao texto e parta para os blocos de ideias seguintes.

Já o segundo parágrafo é composto de frases cuja função é dar continuidade à ideia inicial de uma amizade que não se constrói rapidamente, algo motivado pelo receio do cronista de que Prata fosse alto, muito mais alto que ele, o que denuncia, com humor, certo complexo de inferioridade (aqui é importante um conhecimento prévio: Duvivier tem baixa estatura). Esse complexo de estatura pode ser uma metáfora do receio de a personagem desconhecida também ter maior estatura quanto à qualidade literária.

No terceiro parágrafo, composto de três frases, há uma certa parada no enredo, para que o cronista destile seu humor, listando mais duas pessoas que são seus amigos imaginários, as quais ele admira muito: um astro do *rock* e um astro do futebol. Mais um passo é dado na composição do enredo da crônica, a explicitação da ideia de que a amizade entre o cronista e Antonio Prata perdurou como algo imaginário.

No quarto parágrafo, a narrativa volta a ter continuidade, desencadeada pelas expressões “Até que, outro dia”, ambas demonstrando a passagem do tempo, quando novas ações se dariam, quando a amizade se torna real, pois o cronista descobre que Mário Prata e ele muito se parecem, ainda sem que se encontrassem, por meio da leitura da obra daquele que viria mesmo a ser amigo real do cronista. Nesse momento, o humor se acentua, pois, vendo-se tão semelhante a Prata, o cronista percebe seu narcisismo.

¹ CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés do chão*. In: A crônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

Assim, no quinto e último parágrafo, encerra-se a narrativa. Apresenta-se, então, finalmente, o momento em que Duvivier e Prata se conhecem de perto, e o cronista confirma a amizade que começou distanciada e acaba por se concretizar.

Duvivier produziu uma crônica: uma simples história de amigos que vai aos poucos se revestindo de grandeza, algo acentuado no parágrafo final, quando, num misto de humor e filosofia, os escritores se igualam: ambos têm a mesma estatura – quer física, quer profissional.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 03.** Qual é o núcleo da narrativa de Duvivier? Que passagens ilustram esse núcleo?
- 04.** Compare os textos de Surenã Dias e de Duvivier. Há um modelo de parágrafo a seguir? Em qual deles se manifesta de maneira evidente o ponto de vista do autor? Justifique.

Não há semelhanças quanto à composição dos parágrafos entre os textos até aqui estudados – “Juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido” e “Amizade platônica” –, embora ambos sejam narrativas. No parágrafo, explicita-se o assunto, a dimensão de cada um, o número de frases de sua composição, as relações que estabelecem entre si, tudo isso se ajusta ao gênero e sua situação de comunicação, sem que haja uma receita para essas produções.

Em sua manifestação, os gêneros da tipologia narrativa, quer seja uma notícia, uma crônica, uma piada, uma parábola, etc., têm suas características constituintes e os parágrafos fazem parte dessa constituição, sendo estratégias textuais que garantem a identificação do núcleo do texto, a perspectiva em que se coloca o autor, o quadro de informações, as reflexões, etc.



PARA REFLETIR

Observe dois parágrafos iniciais de dois gêneros distintos, ambos narrativos. Qual deles indica que o gênero do texto é uma notícia? Qual deles indica que o gênero do texto é uma crônica? Justifique suas respostas, levando em conta a perigrafia, a intenção, a forma, a sequência de ideias e o que anuncia cada um.

Texto I

[...]

Um princípio de incêndio assustou alunos da UFF (Universidade Federal Fluminense) na noite desta sexta (6), no centro de Niterói (RJ), durante um evento em homenagem a Fernando Santa Cruz, estudante desaparecido em fevereiro de 1974 após ser preso por órgãos de repressão da ditadura militar (1964-1985).

[...]

BARBON, Júlia. Fogo em estátua que lembra alunos mortos na ditadura assusta estudantes da UFF. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/fogo-em-estatueta-que-lembram-alunos-mortos-na-ditadura-assusta-estudantes-da-uff.shtml>>. Acesso em: 06 dez. 2019. [Fragmento]

Texto II

[...]

O que há de política? É a pergunta que naturalmente ocorre a todos, e a que me fará o meu leitor, se não é ministro. O silêncio é a resposta. Não há nada, absolutamente nada. A tela da atualidade política é uma paisagem uniforme; nada a perturba, nada a modifica. Dissera-se um país onde o povo só sabe que existe politicamente quando ouve o fisco bater-lhe à porta.

[...]

ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, de 01/11/1861 a 05/05/1862. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/61_31588f38b2cdca0afb1c56e15b408e4f>. Acesso em: 17 dez. 2019. [Fragmento]

A tipologia expositiva: os parágrafos do gênero artigo especializado

O gênero artigo especializado, que pertence à tipologia expositiva, é um texto cuja intencionalidade é expor ideias, explanar sobre determinado assunto, utilizando-se de recursos objetivos, como a conceituação, a definição, a descrição, a comparação, a informação, a enumeração, sem expor opinião, sem querer o embate com o leitor. A organização dessa modalidade também se dá em parágrafos, com apresentação, retomadas e impulsões de ideias.

A descoberta de uma nova espécie de pterossauro abre uma rara janela para se entender o ecossistema de um deserto do Cretáceo

1§ Imagine a seguinte cena: um deserto, mais especificamente um oásis. A água era pouca, mas havia plantas nas proximidades das margens da nascente e animais bem diferentes dos atuais vivendo por ali. Lagartos esquisitos, como o *Gueragama*, faziam tocas para se abrigar do sol.

Na vegetação arbustiva, frutificações atraíam vários répteis voadores da espécie *Caiuajara*. De longe, um grupo de dinossauros *Vespersaurus* ficava à espreita, procurando uma oportunidade para se aproximar dos répteis alados, que eram a sua base alimentar. De repente, um som longínquo corta o silêncio e uma sombra passa pela areia. Todos os animais se voltam para cima. Era um pterossauro de mais de três metros. Este aterrissa em cima de uma carcaça de dinossauro. Olha ao redor e, minutos depois, inicia o seu “almoço”.

2§ Cenas que mostram a relação entre organismos extintos são comumente retratadas em filmes sobre a pré-história, em especial envolvendo os dinossauros. O que poucos sabem é que essas relações entre as espécies fósseis são inferidas sem muita comprovação, sobretudo quando se fala nos pterossauros, que foram os primeiros vertebrados a desenvolverem o voo ativo, conquistando os céus do passado longínquo do nosso planeta. Até hoje, eram conhecidas apenas três acumulações em grandes quantidades desses répteis alados concentradas em um mesmo nível: uma na Argentina, outra na China e uma no Brasil. Em todas foi encontrada apenas uma única espécie. Mas agora pesquisadores (incluindo este colunista) acabam de anunciar a descrição de um novo pterossauro, que foi encontrado associado a outra espécie de réptil voador já conhecida e a um dinossauro. O trabalho foi publicado em destaque nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*.

3§ O novo pterossauro, *Keresdrakon vilsoni*, foi encontrado em um sítio denominado “cemitério dos pterossauros”, que fica nos arredores da cidade Cruzeiro do Oeste, no Paraná. Em 2014, foram descritos os primeiros fósseis desse depósito: centenas de ossos do pterossauro *Caiuajara*! Era a primeira acumulação em massa – também chamada de *bonebeds* – de pterossauros no Brasil. Depois, foi encontrado o lagarto *Gueragama* e, mais recentemente, o dinossauro *Vespersaurus*, do qual já se tinha conhecimento antes da publicação. Aliás, existem muitos exemplares desse dinossauro bastante interessante depositados no Centro Paleontológico da Universidade do Contestado (CENPALEO), em Mafra (Santa Catarina), que estão sendo estudados. E agora temos o *Keresdrakon*.

4§ A importância do trabalho não se limita a apresentar uma nova espécie. O mais interessante nesse estudo – e que pode passar despercebido por alguns pesquisadores – é o fato de se encontrar uma sucessão de três horizontes com grande concentração de ossos (os *bonebeds*) com a associação de duas espécies de pterossauros, cada uma especializada em um modo de vida e hábito alimentar.

5§ O *Caiuajara* pertence ao grupo chamado Tapejarinae, considerado frugívoro e que devia se alimentar de pequenas frutificações. Como foi encontrado em grande quantidade, esse réptil alado deve ter vivido em bandos. Já o novo pterossauro, o *Keresdrakon*, encontrado em menor quantidade, deve ter tido um hábito solitário. Muito provavelmente se alimentava de ovos, filhotes ou indivíduos muito jovens de *Caiuajara*.

Alternativamente, ele também poderia ter sido uma espécie carniceira, se alimentando de carcaças de pterossauros, bem como do dinossauro *Vespersaurus*. Ou seja, dois hábitos alimentares bem distintos, algo que se espera de espécies que dividem o mesmo espaço geográfico.

6§ O estudo ainda apresenta novos dados sobre o *Vespersaurus*. Esse dinossauro, encontrado em abundância, mas em menor quantidade que o *Caiuajara*, também deveria ter vivido em pequenos bandos e se alimentado do *Caiuajara*. Seria mais difícil para ele caçar o *Keresdrakon*, que, com os seus 3 metros de abertura alar, era bem maior.

7§ O nome *Keresdrakon* é a junção de *Keres*, que, na mitologia grega, são espíritos que personificaram a morte violenta, e *drakon*, que significa dragão ou grande serpente, em grego antigo. Já o nome *vilsoni* é uma justa homenagem ao Sr. Vilson Greinert, que dedicou horas do seu tempo à preparação de fósseis, inclusive os que estão expostos em Cruzeiro do Oeste. Justiça está sendo feita a esse grande incentivador da paleontologia! Esse trabalho é fruto da união de cientistas de diferentes instituições, que, além de fazer essa importante descoberta, estão auxiliando na reconstrução do Museu Nacional / UFRJ.

Alexander W. A. Kellner. *Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Ciências*.

KELLNER, Alexander W. A. *Ciência hoje*. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/artigo/um-novo-dragao-alado-do-brasil/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

Desta vez, parte da descrição da composição dos parágrafos será feita por você, começando pelos dados da perigrafia.

1. Que informações estão explícitas nesses dados? A partir deles, que hipóteses podem ser estabelecidas quanto ao gênero e a algumas de suas estratégias?
2. O título do texto confirma alguma das hipóteses feitas na questão anterior?
3. Observe o segundo parágrafo: seu início trata de cenas que mostram a relação entre organismos extintos. O autor refere-se a cenas retratadas em filmes, ficcionalmente, expondo espécimes fósseis sem existência comprovada, justamente o que é descrito no primeiro parágrafo. Assim se estabelece a relação entre os dois primeiros parágrafos: o primeiro ilustra o que será tratado no segundo. Mas, se as cenas são fictícias, se apresentam situações que ilustram inferências e não certezas, por que tratar delas em um texto que expõe ideias científicas?
4. Divida o segundo parágrafo em duas partes, de acordo com as observações feitas na questão anterior, demonstrando: a) como o conteúdo dessas partes se apresenta com a finalidade de expor a ideia-chave do texto; b) como se associam os dois parágrafos iniciais.

Feitas as análises dos dois primeiros parágrafos, observe que o terceiro parágrafo compõe-se da descrição das descobertas feitas pelos pesquisadores. Sendo assim, dá continuidade à ideia central do parágrafo anterior. Isso leva à dedução de que a passagem **“agora pesquisadores (incluindo este colunista) acabam de anunciar a descrição de um novo pterossauro, que foi encontrado associado a outra espécie de réptil voador já conhecida e a um dinossauro”** se materializa nas ideias que lhe seguem, o que faz dela o tópico frasal. Todo o texto se refere a ela, desenvolvendo-a, complementando-a.

5. Descreva a composição de ideias dos parágrafos de número 4§ a 7§, de forma a verificar a validade da dedução do tópico frasal destacado anteriormente.

Embora o 5§ se relacione com os parágrafos anteriores e contribua para a garantia do tópico frasal, ele tem, em seu interior, uma estrutura específica: uma ideia central e outra(s) secundária(s). Observe:

[1] O *Caiuajara* pertence ao grupo chamado Tapejarinae, considerado frugívoro e que devia se alimentar de pequenas frutificações. [2] Como foi encontrado em grande quantidade, esse réptil alado deve ter vivido em bandos. [3] Já o novo pterossauro, o *Keresdrakon*, encontrado em menor quantidade, deve ter tido um hábito solitário. [4] Muito provavelmente se alimentava de ovos, filhotes ou indivíduos muito jovens de *Caiuajara*. [5] Alternativamente, ele também poderia ter sido uma espécie carniceira, se alimentando de carcaças de pterossauros, bem como do dinossauro *Vespersaurus*. [6] Ou seja, dois hábitos alimentares bem distintos, algo que se espera de espécies que dividem o mesmo espaço geográfico.

6. Divida o parágrafo em três partes, colorindo cada uma de uma cor, e responda: a) qual dessas três partes é o tópico frasal desse 5§? Justifique; b) qual é a relação entre esse 5§ e o tópico frasal do texto como um todo?

Pode-se concluir, então, que um parágrafo tem uma estrutura interna: uma ideia central, um tópico frasal, em torno da qual giram ideias secundárias. Também pode-se inferir que esse mesmo parágrafo pode ser parte de um todo, com a função de completar, ampliar, confirmar o tópico frasal desse todo. Nesse caso, ele será também um bloco de ideias secundárias.

7. Redija um texto informando se há ou não parcialidade do autor quanto ao tema tratado. Justifique, considerando a tipologia e o gênero em que o texto se enquadra.

A tipologia argumentativa: os parágrafos do gênero artigo de opinião

O gênero artigo de opinião, que pertence à tipologia argumentativa, tem como intencionalidade expor opinião para efeito de promoção do embate, debate, discussão. Isso é feito por meio de argumentos, com as mais diversas composições, como conceituação, definição, descrição, comparação, presença de dados, enumeração e referências a nomes, livros, filmes, etc. A organização dessa modalidade também se dá em parágrafos, com apresentação, retomadas e impulsões de ideias.

Leia atentamente o texto, começando pela perigrafia a seguir. Que informações estão explícitas nesses dados? Por eles, é possível estabelecer hipóteses quanto ao gênero e algumas de suas estratégias?

Marcelo Gleiser Professor de física e astronomia na Universidade Dartmouth (EUA), autor de *A Simples Beleza do Inesperado*.

GLEISER, Marcelo. Flertando com o desconhecido. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2018/06/flertando-com-o-desconhecido.shtml>>. Acesso em: 09 set. 2019.

Os dados deixam claro o nome do autor e sua área de atuação; o título do texto; o suporte. É possível estabelecer a hipótese de que se tratará de texto científico (o autor é um cientista), expositivo ou argumentativo (textos dessa ordem discorrem sobre fatos da natureza, mas também podem defender certas ideias), com linguagem objetiva (a interpretação de suas informações deve ser literal).

Com base nisso, torna-se possível o leitor adentrar os parágrafos do texto, confirmando ou negando suas hipóteses e ainda complementando-as, num constante exercício de reflexões.

Flertando com o desconhecido

1§ Muita gente acha que a ciência é uma atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional. Na verdade, é justamente o oposto. A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.

2§ A ciência é um flerte com o não saber, com o desconhecido que nos cerca. Existe sempre uma sensação de insegurança, de não termos certeza se estamos indo na direção certa. Nos casos mais comuns, quando experimentos revelam novos aspectos da natureza que sequer haviam sido conjecturados, a enorme surpresa, a sensação de tatearmos no escuro, pode levar ao desespero.

3§ E agora? Se nossas teorias não podem explicar o que estamos observando, como ir adiante?

4§ Nenhum exemplo na história da ciência é mais revelador desse drama do que o nascimento da física quântica, que descreve o comportamento dos átomos e das partículas subatômicas, e que essencialmente está por trás de toda a revolução digital que rege a sociedade moderna.

5§ Ao final do século 19, a física estava com muito prestígio. A mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Faraday e Maxwell, a compreensão dos fenômenos térmicos, tudo levava a crer que a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a natureza.

6§ Ao menos assim pensavam vários físicos eminentes. Grande engano. Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica.

7§ Não se entendia por que corpos aquecidos acima de certas temperaturas brilhavam com aquela luz avermelhada que vemos nas brasas de uma boa fogueira. Não se entendia por que a luz violeta podia tornar uma placa metálica eletricamente carregada enquanto a luz amarela nada fazia, deixando a placa neutra. Não se sabia se átomos eram ou não entidades reais, já que a física clássica previa que seriam instáveis, com os elétrons espiralando em direção ao núcleo.

8§ Gradualmente, ficou claro que uma nova física era necessária para lidar com o mundo do muito pequeno. Mas que física seria essa? Ninguém queria mudanças muito radicais. Ou quase ninguém.

9§ A primeira ideia da nova era veio de Max Planck. Em 1900, propôs que átomos recebem e emitem energia em pequenos pacotes, que chamou de “quanta”. Antes disso, todos achavam que qualquer sistema emitia e recebia energia continuamente, como quando aquecemos um bule de água.

10§ Eis como Planck relatou seu estado emocional ao propor a ideia do *quantum*: “resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero, já que por natureza sou uma pessoa pacífica e contrária a aventuras irresponsáveis ... quaisquer que fossem as circunstâncias, qualquer que fosse o preço a ser pago, eu tinha que obter um resultado positivo”.

11§ O uso da palavra “desespero” é revelador. Planck viu-se forçado a propor algo de fundamentalmente novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa.

12§ Planck o fez, pois sabia que a Física tinha como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrariasse seus preconceitos. Os experimentos não deixavam dúvida de que algo de novo era necessário. Planck, um modelo da integridade de um cientista, sabia que seu compromisso com a natureza era o único que importava.

13§ Nunca devemos supor que nossas ideias tomam precedência sobre o que a natureza nos diz. A ciência é um jogo de pega-pega, e a natureza está sempre na nossa frente.

14§ Como o exemplo de Planck, existem muitos outros cientistas que, deparados com resultados misteriosos e surpreendentes, lutam para propor e aceitar ideias que vão contra o que acreditam ser correto.

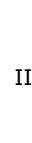
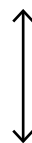
15§ Talvez essa seja a lição mais importante da ciência: a natureza nem sempre corresponde aos nossos anseios e precisamos encará-la com a humildade de quem sabe muito pouco.

Marcelo Gleiser Professor de física e astronomia na Universidade Dartmouth (EUA), autor de A Simples Beleza do Inesperado.

GLEISER, Marcelo. Flertando com o desconhecido. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2018/06/flertando-com-o-desconhecido.shtml>>. Acesso em: 09 set. 2019.

Para compreender o texto, é preciso buscar sua ideia central, aquela em torno da qual giram todas as outras, as secundárias. No primeiro parágrafo, há uma estrutura que permite estabelecer essas relações. Veja o jogo de setas feito para ilustrar a relação entre as três frases que o compõem.

I. Muita gente **acha que a ciência** é uma **atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional**.



II. Na verdade, é justamente o oposto.



III. **A premissa da ciência** é a **nossa ignorância, nossa vulnerabilidade** em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.

Tem-se a afirmativa I. A afirmativa II nega a afirmativa I e abre espaço para a afirmativa III, promovendo um diálogo entre elas. A III explica a II, de forma a anular a I. Negada, a afirmativa I perde força no parágrafo.

Agente da negação, a afirmativa III ocupa o lugar de tópico no parágrafo, por meio de palavras de campo semântico contrário ao da primeira:

atividade sem emoções, destituída de drama,
fria e racional

X

a emoção da ciência está em sua busca do saber,
sua ignorância e vulnerabilidade assumidas.

Ela sinaliza, assim, que os parágrafos seguintes se encarregarão de comprová-la, sendo então o tópico frasal.

A serviço desse “período-tópico”, os parágrafos trarão ideias que o comprovem: a ciência atua orientada pela vulnerabilidade, pela ignorância, pela incerteza.

Uma das formas de se verificar isso é observando a repetição ou retomada de palavras-chave por meio de expressões sinônimas ou de mesmo campo de significado. No segundo parágrafo, são várias: “um flerte com o não saber, com o desconhecido”; “sensação de insegurança, de não termos certeza”; “a enorme surpresa”; “sensação de tatearmos no escuro”.

As retomadas gerenciam as ideias do parágrafo, no qual o autor explicita a emoção que acompanha cientistas quando têm revelações em suas pesquisas.

No parágrafo 4, ocorre a mesma recuperação do período-tópico, com a palavra “drama”. O parágrafo também dá início a uma forma de comprová-lo: um exemplo que ilustra a emocionante vulnerabilidade da ciência, nos parágrafos seguintes. Trata-se da frustração dos cientistas ante sua expectativa de que finalmente “a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a natureza”, conforme relatam os parágrafos 5 a 12, carregados de passagens, expressões, palavras que ilustram a ignorância e vulnerabilidade da ciência. Veja:

6§ “Ao menos assim pensavam [...] Grande engano. Para a surpresa de muitos [...]”

7§ “Não se entendia [...] Não se entendia [...] Não se sabia.”

8§ “Gradualmente, ficou claro [...] Mas que física seria essa?”

9§ “[...] propôs [...] todos achavam que [...]”

10§ “[...]” resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero [...]”

11§ “Planck viu-se forçado a propor algo de fundamentalmente novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade [...]”

12§ “[...] a Física tinha como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrariasse seus preconceitos. seu compromisso com a natureza era o único que importava”.

A “gramática” dos parágrafos contribui para a garantia do tópico frasal, pois denotam imprecisão, como a seleção de verbos (“pensavam”) e de adjuntos adverbiais (“ao menos assim”). Também a descrição do pensamento e das atitudes de Planck, que se vê tendo de assumir mudança de postura e pensamento.

O último bloco encerra a argumentação, considerando que a humildade é um dos atributos do cientista, um retorno ao tópico frasal: “A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos”.

Trata-se de uma composição circular, que parte de uma frase-chave, que se apresentou em um parágrafo introdutório. Segue para o desenvolvimento dessa frase-chave, comprovando-a – nesse caso, por meio de um relato de experiência que exemplifica a ideia central. Encerra esse desenvolvimento, retornando à frase-chave, que se apresenta em um parágrafo.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

05. Leia o texto a seguir:

Guga poderia virar um assassino?

1§ Dois jovens, quase a mesma idade, poucos meses de diferença, comoveram, na semana passada, o Brasil.

2§ Um deles é branco, 23 anos, ganhou fama com uma raquete de tênis na mão. Outro, negro, 22 anos, ganhou fama com um revólver na mão.

3§ Na segunda-feira, Gustavo Kuerten, o Guga (*), cercado de fãs, se deixava fotografar em frente à Torre Eiffel, com o troféu que levou no torneio de Roland Garros, que projetou-o para o primeiro lugar do *ranking* mundial – e o deixou U\$ 600 mil mais rico.

4§ Naquele mesmo dia, Sandro do Nascimento (**), cercado de policiais, depois de um atabalhoado sequestro, era jogado num camburão, onde morreu sufocado – ele queria R\$ 1 mil.

5§ Ambos foram acompanhados, minuto a minuto, em tempo real, seja na quadra de tênis ou no ônibus. Cada qual ficou em seu palco, quase quatro horas, conectados pela TV. Mas o suspense provocado pela raquete de Guga, nas quase 4 horas que precisou para derrotar o adversário, nos ensina sobre o que melhor podemos ser, graças à união da técnica, talento e perseverança.

6§ O suspense de Sandro, também quatro horas no ônibus em que tinha o mundo adversário e uma refém nos braços, nos ensina sobre o que pior podemos ser, graças à união da falta de técnica, despreparo e omissão.

7§ Pelo seu jeito desengonçado, Guga não inspirava confiança quando ganhou pela primeira vez Roland Garros e rompeu a barreira do anonimato.

8§ Sandro nunca inspirou confiança e só rompeu a barreira do anonimato quando sequestrou, matou e foi assassinado – seu único dia de notoriedade foi também seu último dia de vida, ele que escapara da notória chacina da Candelária.

9§ Se, numa hipótese absurda, jogássemos Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto. Guga chegou aonde chegou porque recebeu apoio, estímulo e orientação.

10§ Vimos, pela TV, que, encerrado o jogo, domingo passado, ele quis saber onde estava seu técnico e, estilo menino travesso, subiu as cadeiras para abraçá-lo.

11§ Nas saudações, falou de seus familiares e, num simpático gesto provinciano, mandou pelas câmeras beijos para os parentes. Sabia que, por trás do troféu, estavam os familiares e o técnico.

12§ Todo grande vencedor tem uma grande dívida com alguém que o ajudou a prosperar. Sandro chegou aonde chegou porque, ao contrário, lhe faltou apoio, estímulo e orientação.

13§ Não teve ajuda da família, da escola ou de instituições públicas. Pior, elas apenas serviram para marginalizá-lo, mantendo-o deseducado e, por consequência, desempregado.

14§ Por trás do corpo asfíxiado estava a família desestruturada, devastada pela violência e drogas.

15§ Todo grande derrotado também têm um grande crédito com alguém ou algo que o ajudou a afundar.

16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir.

17§ A quadra faz derrotados e perdedores.

[...]

18§ Se temos mais medo e vergonha do Brasil do que orgulho e confiança é porque nossas linhas divisórias criam mais espaço para gerar Sandros do que Gugas.

[...]

20§ Os números mostram, com clareza, como o desemprego atinge, mais pesadamente, em particular aqueles com baixa escolaridade.

21§ E também mostram como a renda está caindo especialmente nas regiões metropolitanas.

[...]

24§ Vamos seguir produzindo mais chances de Sandros do que Gugas.

25§ Somos, enfim, uma nação de perdedores.

DIMENSTEIN, Gilberto. Guga poderia virar um assassino? *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/gilberto/gd180600.htm>>. Acesso em: 12 set. 2019. [Fragmento]

(*) *Gustavo Kuerten, conhecido como Guga, é um ex-tenista profissional brasileiro, condecorado com posição no Hall da Fama da Associação de Tenistas Profissionais.*

(**) *Sandro Barbosa do Nascimento, também conhecido como Alê da Candelária, foi um sobrevivente do massacre da Candelária, em 1993. Sete anos mais tarde Sandro sequestrou o ônibus 174, fato que foi televisionado para todo o país e até mesmo para o exterior.*

Fonte: Wikipédia.

A) O texto de Gilberto Dimenstein foi dividido em três partes. Dê um título a cada uma dessas partes:

1ª parte: _____

2ª parte: _____

3ª parte: _____

B) Cada uma dessas partes possui um tópico frasal. Identifique-os e transcreva-os:

1ª parte: _____

2ª parte: _____

3ª parte: _____

C) Não há um espaço definido para o parágrafo no qual se apresenta o tópico frasal, ou seja, quem “manda” no texto é o autor, que escreve de forma a atender seus objetivos. Gilberto Dimenstein explicita sua posição, conforme demonstram as ideias-núcleos de cada parte. Entre esses três tópicos frasais, há algum que norteie todo o texto, ou seja, que seja sua ideia-núcleo, aquela à qual servem todos os outros parágrafos? Justifique.

D) Gilberto Dimenstein também utiliza recursos expressivos para demonstrar sua visão de mundo a respeito do tema, por exemplo, ao fazer um quadro comparativo de semelhanças, diferenças e oposições entre duas personagens. Outro recurso pode ser verificado pelos termos destacados no parágrafo a seguir. Analise-os de forma a deixar claro seus efeitos de sentido quanto à parcialidade do autor.

- Se, **numa hipótese absurda, jogássemos** Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto. Guga chegou aonde chegou porque recebeu apoio, estímulo e orientação.

06. Leia a reportagem a seguir para identificar critérios que evidenciam a parcialidade em um texto.

Filme que venceu Gramado é um dos afetados por fim de programa da Ancine

1§ Vencedor do Festival de Gramado deste ano, *Pacarrete* foi um dos filmes prejudicados pela decisão da Ancine, a Agência Nacional do Cinema, de suspender provisoriamente seu programa de apoio a produções brasileiras em eventos internacionais.

2§ O filme, dirigido por Allan Deberton – produtor de uma das séries de um edital de TVs públicas censurado pelo governo no final de agosto – teve o pedido de apoio para ser exibido no Festival de Bogotá, na Colômbia, negado.

3§ Publicada nesta terça (10) e tomada pelos únicos dois membros remanescentes na diretoria do órgão após o afastamento de Christian de Castro da presidência – o que a torna *ad referendum*, isto é, sujeita a uma aprovação colegiada posterior, a decisão é parte de uma deliberação que dita a prioridade do pagamento da contribuição anual ao Ibermedia, programa de estímulo à promoção e à distribuição de filmes ibero-americanos.

4§ Cineastas responsáveis por outras cinco produções, entre curtas e longas-metragens, dizem ter sido lesados pela decisão da diretoria. Isso porque, tendo tido seus pedidos de apoio aprovados pela Ancine, compraram passagens aéreas para os respectivos festivais de que participariam. Só depois receberam o aviso de suspensão do programa.

[...]

6§ A mineira Juliana Antunes conta ter recebido o aval da agência para levar seu curta *Plano Controle* ao New York Film Festival (NYFF), com início em 27 de setembro, isto é, daqui a duas semanas.

7§ Além dela, a única outra produção de DNA completamente nacional na programação era o *hit Bacurau*, de Juliano Dornelles e Kléber Mendonça Filho. Ganhador do prêmio do júri do Festival de Cannes deste ano, marcou um ano em que a crítica internacional voltou seus olhos para o Brasil.

8§ Antunes também negociava apoio para ir ao Viennale, que acontece no final de outubro em Viena, e para o Festival Internacional de Cinema de Mar del Plata, na Argentina, em novembro. “Como virar dinheiro da noite pro dia e arcar com uma viagem para a qual não tenho a menor condição financeira?”, questiona a diretora, acrescentando que o NYFF não arca com despesas de hospedagem e alimentação.

9§ Diretora de *Entre*, curta que compete no BFI London, Ana Carolina Marinho Dantas apelou para uma vaquinha virtual para conseguir apresentar seu filme na capital britânica. Além disso, conseguiu negociar com o festival uma ajuda de custo de 200 libras (cerca de R\$ 1 000) que tinha sido negada por causa do apoio da Ancine. Agora, articula uma ação jurídica conjunta contra o órgão junto com outros cineastas prejudicados.

10§ A suspensão do programa acontece em um momento de crise na agência.

11§ Além de sucessivas tentativas de controle por parte do presidente Jair Bolsonaro, que anunciou a mudança do órgão do Rio para Brasília e defende a implementação de “filtros” de conteúdo às produções nacionais, há duas semanas o diretor Christian de Castro foi afastado e acusado de um conluio para manchar a imagem dos outros membros da diretoria.

BALBI, Clara. Filme que venceu Gramado é um dos afetados por fim de programa da Ancine. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/filme-que-venceu-gramado-e-um-dos-afetados-por-fim-de-programa-da-ancine.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2019.

[Fragmento]

- A) Caso a jornalista Clara Balbi, no 1§, tivesse usado a palavra “atingidos” no lugar da palavra “prejudicados”, qual seria o efeito de sentido?
- B) A palavra “afastamento” (3§), neste texto, é usada como um eufemismo. Explique essa afirmativa.
- C) “Remanescentes” (3§) significa “restantes”. O verbete, associado à informação sobre o afastamento de Christian de Castro de seu cargo de presidente, traz qual informação subjacente? Essa informação revela a intencionalidade da autora?
- D) Além da seleção vocabular, outros recursos evidenciam a posição do autor, entre eles a estrutura do texto. Observe como são compostos os parágrafos de 4§ a 10§. Note que, dos 11 parágrafos do texto, 7 apresentam depoimentos. Como essa composição afeta a parcialidade do texto?
- E) O último parágrafo apresenta uma expressão e um sinal gráfico que deixam clara a posição da jornalista Clara Balbi. Grife-os no texto e transcreva-os a seguir. Em seguida, escreva um parágrafo explicando o que esses recursos insinuam.



PARA REFLETIR

Observe a imagem:

☰ FOLHA DE S.PAULO ☰

🔍 O que você procura? Buscar

cotidiano

tragédia no rio doce

Tragédia de Mariana já ^{SO} custou R\$ 655 milhões para mineradora Samarco ATÉ AGORA

ESTEVÃO BERTONI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
JOSÉ MARQUES
DE BELO HORIZONTE
15/10/2016 🕒 02h00

CANETA desmanipuladora. Disponível em: <<https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/photos/a.245804172452703/324004467966006/?type=3&theater>>. Acesso em: 15 set. 2019.

O *blog* Caneta Desmanipuladora tem como finalidade denunciar, por meio da ironia, a parcialidade de alguns veículos de comunicação.

Assim como o *blog* mencionado, selecione manchetes e altere-as, de forma a evidenciar a parcialidade dos veículos de comunicação. Busque mais exemplos nos quais você possa se inspirar.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de **01** a **05**.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os são, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar¹ a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se vieram. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos² antigos abusava-se de veneno.

De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão³.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidade era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

Contos de aprendiz. 2012.

¹ lapidar: apedrejar.

² raconto: relato, narrativa.

³ irrisão: zombaria.

- 01.** (UNIFESP–2019) De acordo com o segundo parágrafo,
- os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
 - as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
 - as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
 - as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
 - as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.

02. (UNIFESP–2019) “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- A) fantasioso. D) incerto.
- B) dramático. E) popular.
- C) religioso.

03. (UNIFESP–2019) No trecho “Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãoos, fomos aquinhoados” (2º parágrafo), em respeito à norma-padrão, estaria correto o uso da preposição “a” em lugar de “com” se a expressão sublinhada fosse substituída por

- A) fazemos jus. D) estamos satisfeitos.
- B) recebemos. E) nos orgulhamos.
- C) somos merecedores.

04. (UNIFESP–2019)

4B11



• “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4º parágrafo)

- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4º parágrafo)
- a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- A) literal, literal e literal.
- B) figurado, literal e figurado.
- C) literal, literal e figurado.
- D) figurado, figurado e literal.
- E) figurado, figurado e figurado.

05. (UNIFESP–2019) “Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- A) finalidade. D) comparação.
- B) causa. E) consequência.
- C) proporção.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **06** a **08**.

A roda e a civilização

Considerando-se tudo o que ela proporcionou de forma direta, tudo o que dela derivou e tudo o que ela ajudou a ser possível, a roda foi a principal invenção humana.

Sua história remonta a alguns milênios: estima-se em 6 000 anos o conhecimento de seu uso pela civilização sumeriana, às margens do Eufrates. Desde lá, milhões de rodas, pequenas ou grandes, vêm dotando a vida de mais energia e movimento. “Um dos principais indicadores do progresso consumista de um país costuma ser medido pela facilidade com que seus habitantes podem se locomover e transportar produtos – em outras palavras, pelo número de rodas que fazem o país girar”, lê-se num *site* da Internet.

Na origem de tudo estaria o movimento de troncos de árvores, utilizados para deslocar, com menor esforço e atrito, grandes blocos de pedra. Não tardou que os rolos se transformassem em discos providos de eixos, e a evolução foi natural: passou-se a proteger as rodas de madeira com ferro, com borracha sólida, associou-se a roda à tração animal, e por fim aos motores. A roda passou a moer grãos, a gerar energia mecânica e elétrica. Além de economizar trabalho humano, aliou-se ao nosso lazer: quantos já não curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta? No século XIX, John Boyd Dunlop, veterinário escocês, tornou a bicicleta de seu filho muito mais confortável, inventando o pneumático.

Pense-se na roda transportando o cavalo de Troia e os canhões de Napoleão, o açúcar nos carros de boi e os trabalhadores boias-frias empoleirados em velhos caminhões, os migrantes, os turistas dos confortáveis trens europeus e as toneladas de carga nos vagões de uma centopeia de ferro... Os aviões supersônicos, que furam as nuvens, requerem rodas para ganhar impulso na pista. A visão bucólica dos moinhos, girando suas pás pela força da água ou do vento, alimenta nossa imaginação e nos faz figurar o próprio tempo como uma roda que gira interminavelmente. E como esquecer as rodas dentadas que até hoje propulsionam com precisão os relógios, dos de pulso aos das grandes catedrais? No centro de complexas engrenagens, as rodas constituíram o cenário principal de uma obra-prima do cinema, *Tempos modernos*, que Charlie Chaplin dirigiu e protagonizou em 1936. Nesse filme, o operário (Carlitos) é apresentado, literalmente, como peça de uma engrenagem que parece devorá-lo, numa evidente crítica ao produtivismo desumano.

Num laboratório de Química, na projeção de um filme, nas corridas alucinadas de fórmula 1, no carrossel infantil, nos instrumentos de precisão, na tecelagem, nas gigantescas atrações dos parques, a roda se metamorfoseia e atende a um número incalculável de funções específicas. Para isso, tem apenas que rodar: “roda mundo, roda gigante, roda moinho, roda pião, a vida (*sic*) rodou num instante nas voltas do meu coração”, cantou Chico Buarque, na peça *Roda viva*. Essa expressão, aliás, tanto nomeia o movimento estafante da rotina (“estou numa roda-viva”) como a dinâmica prometida por um conhecido programa de debates da TV. Além de imprescindível para a vida prática, o que há de expressivo na roda se manifesta ludicamente nos jogos e cantigas de rua, nas “cantigas de roda”.

E também já assumiu tristes funções, como no caso da “roda dos enfeitados”: à entrada de alguns conventos, uma roda de pedra, giratória, recolhia algum recém-nascido indesejado, entregue, por pessoa não identificável, aos cuidados das irmãs.

De madeira, de ferro, de borracha, primitivas ou sofisticadas, movidas mecânica ou eletronicamente, as rodas são vistas como símbolos poderosos: elas expressam a criação contínua, o recomeçar permanente, o movimento criador, a evolução. Um dos prazeres humanos consiste em usar os músculos para acionar rodas: as de uma bicicleta, as de um patinete, as de um skate. Quando alguém corre muito, dizemos: “Ele está voando”. Em nossa imaginação, as rodas são também asas. Como esquecer aquele carrinho que rodou na superfície de Marte, provido de uma câmera? E muita gente assistiu a essa cena graças a um filme que se desenrola na roda de um velho projetor de cinema.

“No universo da ciência o centro está em toda parte”, diz um conhecido aforismo. No centro da civilização, a roda segue onipresente.

Alcebíades Villares

- 06.** (PUC-Campinas-SP) No primeiro parágrafo,
- as informações contidas em “tudo o que dela derivou” e “tudo o que ela ajudou a ser possível” legitimam a compreensão de que nesses segmentos estão subentendidas, respectivamente, as ideias de “diretamente” e “de modo indireto”.
 - o pronome “Sua”, em “Sua história”, pode remeter a mais de um elemento da frase anterior, o que gera ambiguidade prejudicial à clareza do texto.
 - o emprego de “costuma” (em “costuma ser medido”) sinaliza que o autor da frase que circula na Internet tem alguma dúvida a respeito do que está informando sobre um dos indicadores do progresso consumista de um país.
 - a presença concomitante dos segmentos “remonta a alguns milênios” e “estima-se em 6 000 anos” produz certo desajuste na comunicação, pois o sentido preciso da segunda expressão contraria a indeterminação da primeira.
 - os dois-pontos conectam termos que, na organização do texto, correspondem, respectivamente, a uma causa e sua consequência.
- 07.** (PUC-Campinas-SP) Análise do modo como está estruturado o parágrafo 2:
- Mostra que essa unidade do texto articula evidências, dando exclusividade a fatos historicamente confirmados; probabilidades e convites à imaginação do leitor são lançados somente no parágrafo 3.
 - Prova que a expressão “Não tardou” exprime a surpresa do autor pela rapidez das transformações citadas, espanto justificado pelo fato de considerá-las fruto de necessários e longos processos de especulação.

- Evidencia que John Boyd Dunlop foi citado porque constitui argumento a favor da ideia de que a evolução do movimento de troncos de árvores foi natural.
- Sinaliza que a expressão “por fim” traduz o objetivo último do processo iniciado com o movimento de troncos de árvores.
- Revela que, no segmento “energia mecânica e elétrica”, a conjunção correlaciona atributos que ocorrem necessariamente em concomitância.



- 08.** (PUC-Campinas-SP) Além de economizar trabalho humano, aliou-se ao nosso lazer: quantos já não curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta?

Considerada a frase anterior, em seu contexto, é correto afirmar:

- A expressão “Além de economizar” equivale a “Mesmo economizando”.
- A frase em que se tem ponto de interrogação equivale a uma assertiva: “muitos já curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou, então, um longo passeio de bicicleta”.
- A palavra “curtiram” constitui uso informal da linguagem, do mesmo modo que o emprego de “carrinho de rolimã”.
- A presença de “já” dá à frase sentido equivalente a “quantos não curtiram até a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira...?”
- Se a conjunção “ou” fosse repetida – “quantos já não curtiram ou a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta” –, o sentido original não estaria preservado.

09.

A universidade pública forte

Alguns criticam o processo recente de ampliação e fortalecimento da universidade pública afirmando que se trata de universidades caras e de baixa capacidade de absorção das exigências de empregabilidade. No entanto, o sistema universitário público brasileiro é, em larga medida, adequado para os desafios do nosso futuro. Ele garante autonomia de pesquisa ao corpo docente, flexibilidade relativa de escolha de disciplinas para alunos (o que permite particularização da formação), além de abertura para a constituição de estruturas interdisciplinares.

Não precisamos discutir o modelo universitário público, mas aprofundá-lo, permitindo que ele democratize seus modos de gestão, de decisão e que, enfim, desenvolva todas suas potencialidades e pluralidades.

SAFATLE, Vladimir. *Folha de S.Paulo*, 09 ago. 2010. Caderno Poder.

O raciocínio do autor, no parágrafo destacado, está explicitado em:

- A) Ainda que não seja preciso discutirmos o modelo universitário público, precisamos aprofundá-lo, fazendo com que ele democratize seus modos de gestão, de decisão e, por fim, desenvolva todas suas potencialidades e pluralidades.
- B) Apesar de não discutirmos o modelo universitário público, devemos aprofundá-lo, tornando possível a democratização de seus modos de gestão e de decisão, para desenvolvermos potencialidades e pluralidades da gestão pública
- C) Embora não optemos por discutir o modelo universitário público, precisamos aprofundá-lo, democratizando seus modos de gestão e desenvolvendo todas as suas potencialidades e pluralidades.
- D) Não discutimos o modelo universitário público, mas devemos aprofundá-lo, a fim de que ele democratize seus modos de gestão, de decisão para desenvolver todas suas potencialidades e pluralidades
- E) Não precisamos discutir o modelo universitário público, mas precisamos aprofundá-lo, democratizando seus modos de gestão, de decisão para desenvolvermos nossas potencialidades e pluralidades.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem–2019) Com o enredo que homenageou o centenário do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, a Unidos da Tijuca foi coroada no Carnaval 2012.

A penúltima escola a entrar na Sapucaí, na segunda noite de desfiles, mergulhou no universo do cantor e compositor brasileiro e trouxe a cultura nordestina com criatividade para a Avenida, com o enredo “O dia em que toda a realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão”.

Disponível em: <www.cultura.rj.gov.br>.
Acesso em: 15 maio 2012 (Adaptação).

A notícia relata um evento cultural que marca a

- A) primazia do samba sobre a música nordestina.
- B) inter-relação entre dois gêneros musicais brasileiros.
- C) valorização das origens oligárquicas da cultura nordestina.
- D) proposta de resgate de antigos gêneros musicais brasileiros.
- E) criatividade em compor um samba-enredo em homenagem a uma pessoa.

- 02.** (Enem–2019) Os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, antes mesmo dos vulcões e dos cachalotes, antes de Portugal invadir, antes do Getúlio Vargas mandar construir casas populares. O bairro do Queím, onde nasci e cresci, é um deles. Aconchegado entre o Engenho Novo e Andaraí, foi feito daquela argila primordial, que se aglutinou em diversos formatos: cães soltos, moscas e morros, uma estação de trem, amendoieiras e barracos e sobrados, botecos e arsenais de guerra, armarinhos e bancas de jogo do bicho e um terreno enorme reservado para o cemitério. Mas tudo ainda estava vazio: faltava gente.

Não demorou. As ruas juntaram tanta poeira que o homem não teve escolha a não ser passar a existir, para varrê-las. À tardinha, sentar na varanda das casas e reclamar da pobreza, falar mal dos outros e olhar para as calçadas encardidas de sol, os ônibus da volta do trabalho sujando tudo de novo.

HERINGER, V. *O amor dos homens avulsos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

Traçando a gênese simbólica de sua cidade, o narrador imprime ao texto um sentido estético fundamentado na

- A) excentricidade dos bairros cariocas de sua infância.
- B) perspectiva caricata da paisagem de traços deteriorados.
- C) importância dos fatos relacionados à história dos subúrbios.
- D) diversidade dos tipos humanos identificados por seus hábitos.
- E) experiência do cotidiano marcado pelas necessidades e urgências.

- 03.** (Enem–2018) Tanto os Jogos Olímpicos quanto os Paralímpicos são mais que uma corrida por records, medalhas e busca da excelência. Por trás deles está a filosofia do barão Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico. Como educador, ele viu nos Jogos a oportunidade para que os povos desenvolvessem valores, que poderiam ser aplicados não somente ao esporte, mas à educação e à sociedade. Existem atualmente sete valores associados aos Jogos. Os valores olímpicos são: a amizade, a excelência e o respeito, enquanto os valores paralímpicos são: a determinação, a coragem, a igualdade e a inspiração.

MIRAGAYA, A. *Valores para toda a vida*. Disponível em: <www.esporteessencial.com.br>.
Acesso em: 09 ago. 2017 (Adaptação).

No contexto das aulas de Educação Física escolar, os valores olímpicos e paralímpicos podem ser identificados quando o colega

- A) procura entender o próximo, assumindo atitudes positivas como simpatia, empatia, honestidade, compaixão, confiança e solidariedade, o que caracteriza o valor da igualdade.
- B) faz com que todos possam ser iguais e receber o mesmo tratamento, assegurando imparcialidade, oportunidades e tratamentos iguais para todos, o que caracteriza o valor da amizade.
- C) dá o melhor de si na vivência das diversas atividades relacionadas ao esporte ou aos jogos, participando e progredindo de acordo com seus objetivos, o que caracteriza o valor da coragem.
- D) manifesta a habilidade de enfrentar a dor, o sofrimento, o medo, a incerteza e a intimidação nas atividades, agindo corretamente contra a vergonha, a desonra e o desânimo, o que caracteriza o valor da determinação.
- E) inclui em suas ações o *fair play* (jogo limpo), a honestidade, o sentimento positivo de consideração por outra pessoa, o conhecimento dos seus limites, a valorização de sua própria saúde e o combate ao *doping*, o que caracteriza o valor do respeito.

04. (Enem-2018)

**ABL lança novo concurso cultural:
"Conte o conto sem aumentar um ponto"**

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado "Conte o conto sem aumentar um ponto", baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

"Conte o conto sem aumentar um ponto" tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1 778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras.

Disponível em: <www.academia.org.br>.
Acesso em: 18 out. 2015 (Adaptação).

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo / suporte para um concurso literário por causa do(a)

- A) limite predeterminado de extensão do texto.
- B) interesse pela participação de jovens.
- C) atualidade do enredo proposto.
- D) fidelidade a fatos cotidianos.
- E) dinâmica da sequência narrativa.

05. (Enem)

Bons dias!

14 de junho de 1889

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais impressos. Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.

ASSIS, M. *Bons dias!* (Crônicas 1888-1889). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Hucitec, 1990.

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como

- A) objeto de devoção pessoal.
- B) elemento de afirmação da cultura.
- C) instrumento de reconstrução da memória.
- D) ferramenta de investigação do ser humano.
- E) veículo de produção de fatos da realidade.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01. Parágrafo I: (3), (2), (1), (5), (4).
Parágrafo II: (3), (1), (2).
02. No texto I, a ideia central está posta em duas frases complementares: "Não creio que a história seja essa" e "Mas as pessoas querem tentar conectar os dois e, como sempre, em qualquer país, diante dos problemas econômicos, a coisa mais fácil para um político é colocar a culpa em alguém". O restante são frases secundárias que se associam de modo a complementar o sentido da ideia central. No texto II, a ideia central é "Elas [as imagens que chocaram o país] nos remetem a um Brasil que ainda não chegou a 1888".
03. O núcleo da narrativa de Duvivier aborda a construção de uma amizade. Há vários trechos que apontam para isso, entre eles: "Tanto é que a gente ficou melhor amigo à primeira vista. Sem que ele soubesse, é claro".

04. Ao comparar ambos os textos, nota-se que não há um modelo de parágrafo a seguir. A crônica tem como uma de suas estratégias a subjetividade. Já a notícia traz a voz da jornalista de forma sutil e objetiva.

05.

- A) 1ª parte: Perfil e ações de Guga e Sandro, comparativamente.
2ª parte: A importância da base familiar e afetiva.
3ª parte: O Brasil e os cidadãos que produz.
- B) 1ª parte: 1§ Dois jovens, quase a mesma idade, poucos meses de diferença, comoveram, na semana passada, o Brasil.
2ª parte: 9§ Se, numa hipótese absurda, jogássemos Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto.
3ª parte: 16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir.
- C) A ideia-núcleo de todo o texto é esta: "16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir." O autor responsabiliza o país pelo rumo tomado na vida das pessoas.
- D) Em "numa hipótese absurda", o autor dialoga com o leitor que considera impossível a troca de lugares, como se evitasse o embate com alguém que contra argumentasse alienadamente, de forma a não perder tempo com um leitor resistente à tese.

06.

- A) A palavra "atingidos" é menos explícita do que a palavra "prejudicados". O vocábulo "prejudicados" revela o embaraço imposto.
- B) O vocábulo "afastamento" encobre a informação de que Christian de Castro foi retirado de seu cargo, demitido.
- C) A combinação desses usos avisa que mais pessoas foram demitidas de seu cargo, o que permite deduzir a crítica da autora quanto a essas demissões em número tão relevante.
- D) Esses parágrafos se compõem de depoimentos de cineastas que têm seus trabalhos prejudicados pela decisão do governo. O espaço dedicado a reclamações por parte de cineastas revela a prioridade que a jornalista deu a essas vozes, o que revela sua corroboração.
- E) Em "As sucessivas tentativas de controle", a jornalista denuncia as insistentes ações do governo que indicam autoritarismo. O uso de aspas em "filtros" sugere certa ironia que denuncia a censura nas ações do governo.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

01. B
 02. D
 03. A
 04. B
 05. B
 06. A
 07. C
 08. B
 09. A

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. B
 02. B
 03. E
 04. A
 05. C



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %